

A despedida de Oliver Sacks

POR CAMILA | 20/02/15 09:28

Um texto do escritor e neurologista inglês Oliver Sacks, 81, para o jornal “The New York Times”, tem sido muito compartilhado no Facebook. Com o título “My Own Life” (“Minha Própria Vida”, em tradução livre), Sacks anuncia ter câncer terminal, com múltiplas metástases no fígado, e reflete sobre a vida e a morte.

Sacks, o escritor do livro “Tempo de Despertar” que inspirou o filme de mesmo nome indicado ao Oscar (1991), afirma usar o tempo que resta para aprofundar relações, ser produtivo e acima de tudo, focar no essencial. Para ele, estar perto da morte é ter certa perspectiva e poder não se importar com coisas que pertencem ao futuro, como o aquecimento global e a desigualdade social.

Apesar de ele não mencionar a palavra, seu texto me passou a sensação de liberdade. Como se Sacks agora pudesse ser livre para fazer o que realmente quer, conversar apenas com quem realmente deseja, ser extremamente sincero, tudo aquilo que pensamos quando nos deparamos com a noção de não se ter mais tempo a perder.

Norbert Elias (1887-1990), um sociólogo bastante mencionado aqui no blog, diz que morrer é mais fácil para aqueles que veem sentido na sua vida e sentem ter alcançado seus objetivos. Sacks aparenta a tranquilidade de quem está confortável com as escolhas que fez, suas conquistas e relacionamentos.

A dra. Milena Reis mencionou numa entrevista para o blog, no post “A tal da boa morte”, que ter um tempo para se despedir e pensar no legado deixado é muito importante no processo de lidar com a morte iminente. Sacks menciona já ter publicado cinco livros, uma autobiografia e ainda ter outros para terminar, o que me soou como fruto de um pensamento como esse, uma das respostas para a pergunta: que legado deixarei?

Dra. Milena também pede para seus pacientes em final de vida escreverem sobre como acham que as pessoas que amam se lembrarão deles. No texto, Oliver Sacks diz que as pessoas que o conhecem reconhecem sua “disposição veemente, entusiasmo violento e extrema imoderação em todas suas paixões” (tradução livre). É possível perceber certo orgulho nessa afirmação. E arrisco dizer ser um sentimento bom, esse de achar que se é reconhecido por uma característica de intensidade, ainda mais para um escritor.

Claro que ele menciona o medo da morte e inclusive a dificuldade em se sentir desapegado da vida em seu atual momento, frase emprestada do filósofo David Hume (1711-1776), que Sacks admira. Mas esse medo não é o foco do escrito. Com 81 anos, ele aponta para certa resignação, gratidão e carinho pelo mundo que em breve deixará.

Achei o texto leve no tratar da morte iminente e belo, com a capacidade de tocar o leitor para uma realidade dura mas ao mesmo tempo essencial, complexa mas ao mesmo tempo simples, universal e ao mesmo tempo completamente particular, um destino bonito de tão cruel que é, no fundo, a grande ironia da vida – a morte.

“I have been increasingly conscious, for the last 10 years or so, of deaths among my contemporaries. My generation is on the way out, and each death I have felt as an abruption, a tearing away of part of myself. There will be no one like us when we are gone, but then there is no one like anyone else, ever. When people die, they cannot be replaced. They leave holes that cannot be filled, for it is the fate — the genetic and neural fate — of every human being to be a unique individual, to find his own path, to live his own life, to die his own death. I cannot pretend I am without fear. But my predominant feeling is one of gratitude. I have loved and been loved; I have been given much and I have given something in return; I have read and traveled and thought and written. I have had an intercourse with the world, the special intercourse of writers and readers. Above all, I have been a sentient being, a thinking animal, on this beautiful planet, and that in itself has been an enormous privilege and adventure”.

— Oliver Sacks

Tradução livre:

“Tenho estado extremamente consciente, pelos últimos dez anos mais ou menos, sobre as mortes de meus contemporâneos. Minha geração está se extinguindo, e sinto cada morte como uma ruptura, um rasgo de uma parte minha. Não existirá ninguém como nós quando formos embora, mas até aí, não existe ninguém parecido com ninguém, nunca. Quando as pessoas morrem, elas não podem ser substituídas. Elas deixam buracos que não podem ser preenchidos, mas é esse o destino – o destino genético e natural – de cada ser humano ser um indivíduo único e individual, e encontrar seu próprio caminho, viver sua própria vida, morrer sua própria morte. Não posso fingir que não tenho medos. Mas meu sentimento predominante é o de gratidão. Eu amei e fui amado; recebi e dei em troca; li e viajei e refleti e escrevi. Eu tive um relacionamento* com o mundo, o tipo de relacionamento especial que os escritores e leitores tem. Acima de tudo, eu fui um ser sensível, um animal pensante, nesse lindo planeta, e isso em si mesmo tem sido um grande privilégio e uma aventura”.

* intercourse também pode ser traduzido como relação sexual e nesse sentido, Sacks poderia indicar, de forma poética, “ter tido uma relação sexual com o mundo, o tipo de relacionamento especial que escritores e leitores tem”.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

[/www.nytimes.com/2015/02/19/opinion/oliver-sacks-on-learning-he-has-terminal-cancer.html?_r=3](http://www.nytimes.com/2015/02/19/opinion/oliver-sacks-on-learning-he-has-terminal-cancer.html?_r=3)

My Own Life

Oliver Sacks on Learning He Has Terminal Cancer

By OLIVER SACKS FEB. 19, 2015

A MONTH ago, I felt that I was in good health, even robust health. At 81, I still swim a mile a day. But my luck has run out — a few weeks ago I learned that I have multiple metastases in the liver. Nine years ago it was discovered that I had a rare tumor of the eye, an ocular melanoma. Although the radiation and lasering to remove the tumor ultimately left me blind in that eye, only in very rare cases do such tumors metastasize. I am among the unlucky 2 percent.

I feel grateful that I have been granted nine years of good health and productivity since the original diagnosis, but now I am face to face with dying. The cancer occupies a third of my liver, and though its advance may be slowed, this particular sort of cancer cannot be halted.

It is up to me now to choose how to live out the months that remain to me. I have to live in the richest, deepest, most productive way I can. In this I am encouraged by the words of one of my favorite philosophers, David Hume, who, upon learning that he was mortally ill at age 65, wrote a short autobiography in a single day in April of 1776. He titled it “My Own Life.”

“I now reckon upon a speedy dissolution,” he wrote. “I have suffered very little pain from my disorder; and what is more strange, have, notwithstanding the great decline of my person, never suffered a moment’s abatement of my spirits. I possess the same ardour as ever in study, and the same gaiety in company.”

I have been lucky enough to live past 80, and the 15 years allotted to me beyond Hume’s three score and five have been equally rich in work and love. In that time, I have published five books and completed an autobiography (rather longer than Hume’s few pages) to be published this spring; I have several other books nearly finished.

Hume continued, “I am ... a man of mild dispositions, of command of temper, of an open, social, and cheerful humour, capable of attachment, but little susceptible of enmity, and of great moderation in all my passions.”

Here I depart from Hume. While I have enjoyed loving relationships and friendships and have no real enmities, I cannot say (nor would anyone who knows me say) that I am a man of mild dispositions. On the contrary, I am a man of vehement disposition, with violent enthusiasms, and extreme immoderation in all my passions.

And yet, one line from Hume's essay strikes me as especially true: "It is difficult," he wrote, "to be more detached from life than I am at present."

Over the last few days, I have been able to see my life as from a great altitude, as a sort of landscape, and with a deepening sense of the connection of all its parts. This does not mean I am finished with life.

On the contrary, I feel intensely alive, and I want and hope in the time that remains to deepen my friendships, to say farewell to those I love, to write more, to travel if I have the strength, to achieve new levels of understanding and insight.

This will involve audacity, clarity and plain speaking; trying to straighten my accounts with the world. But there will be time, too, for some fun (and even some silliness, as well).

Continue reading the main storyContinue reading the main storyContinue reading the main story

I feel a sudden clear focus and perspective. There is no time for anything inessential. I must focus on myself, my work and my friends. I shall no longer look at "NewsHour" every night. I shall no longer pay any attention to politics or arguments about global warming.

This is not indifference but detachment — I still care deeply about the Middle East, about global warming, about growing inequality, but these are no longer my business; they belong to the future. I rejoice when I meet gifted young people — even the one who biopsied and diagnosed my metastases. I feel the future is in good hands.

I have been increasingly conscious, for the last 10 years or so, of deaths among my contemporaries. My generation is on the way out, and each death I have felt as an abruption, a tearing away of part of myself. There will be no one like us when we are gone, but then there is no one like anyone else, ever. When people die, they cannot be replaced. They leave holes that cannot be filled, for it is the fate — the genetic and neural fate — of every human being to be a unique individual, to find his own path, to live his own life, to die his own death.

I cannot pretend I am without fear. But my predominant feeling is one of gratitude. I have loved and been loved; I have been given much and I have given something in return; I have read and traveled and thought and written. I have had an intercourse with the world, the special intercourse of writers and readers.

Above all, I have been a sentient being, a thinking animal, on this beautiful planet, and that in itself has been an enormous privilege and adventure.

Oliver Sacks, a professor of neurology at the New York University School of Medicine, is the author of many books, including "Awakenings" and "The Man Who Mistook His Wife for a Hat."